

O perfil hagiográfico feminino da *Vita Patrum*: o caso de Monegunda de Tours

The Female Hagiographic Profile of *Vita Patrum*: The Case of Monegund of Tours

El perfil hagiográfico femenino en la *Vita Patrum*: el caso de Monegunda de Tours

Juliana Prata da Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

jpratacosta@gmail.com

orcid.org/0009-0007-4196-1448

Recibido: 18/8/23 Aceptado: 14/9/23

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre o perfil hagiográfico feminino presente no *Liber Vitae Patrum* de Gregório de Tours. Dentre os personagens privilegiados pelo hagiógrafo na compilação de vidas, sendo abades, monges e bispos, as principais categorias presentes no conjunto, notamos a presença de uma única mulher hagiografada: Monegunda, a reclusa. Nesse sentido, parece-nos significativo debater acerca dos aspectos elencados pelo autor como preponderantes na delimitação do perfil de santa elaborado na *Vita Patrum*.

Palavras-chaves: Santidade feminina- Hagiografia- Gregório de Tours- Reino Franco- Monegunda de Tours.

Abstract: The aim of this article is to present a discussion of the female hagiographic profile present in the *Liber Vitae Patrum* of Gregory of Tours. Among the characters privileged by the hagiographer in the compilation of lives, being abbots, monks and bishops, the main categories present in the set, we note the presence of a single woman: Monegunda, the recluse. In this sense, it seems significant to discuss the aspects listed by the author as preponderant in the delimitation of the profile of saint elaborated in the *Vita Patrum*.

Keywords: Feminine Holiness- Hagiography- Gregory of Tours- Frankish Kingdom- Monegund of Tours.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar para su discusión el perfil hagiográfico femenino en el *Liber Vitae Patrum* de Gregorio de Tours. De entre los perso-

najes privilegiados por el hagiógrafo en la compilación de vidas, sean abades, monjes y obispos, las categorías principales en su conjunto, notamos la presencia de una única mujer: Monegunda, la reclusa. En este sentido, resulta significativo discutir los aspectos señalados por el autor como preponderantes para la delimitación del perfil de santidad femenina elaborado en la *Vita Patrum*.

Palabras clave: Santidad femenina- Hagiografía- Gregorio de Toures- Reino franco- Monegunda de Tours.

1. Considerações introdutórias

Nos trabalhos historiográficos sobre o Ocidental medieval notamos a presença recorrente de um aspecto em específico como primordial na grande maioria deles: a significativa contribuição do cristianismo como elemento de importância preponderante em diferentes âmbitos. Nesse sentido, partimos de um pressuposto que compreende, nos primeiros séculos da Idade Média, um intenso processo de cristianização empreendido pela Igreja,¹ com objetivo de angariar fiéis e ampliar sua área de atuação.

Assim, observamos que várias estratégias foram colocadas em prática para alcançar tal objetivo, tais como a aproximação entre as autoridades religiosas e os monarcas dos reinos romano-germânicos, a convocação de concílios, as distintas tentativas de normatização de ritos e elementos simbólicos e a produção intelectual, sobretudo, provenientes dos meios episcopal e monástico. Tais práticas são exemplos de alguns dos recursos empreendidos pela instituição eclesiástica para consolidação, fortalecimento e expansão da Igreja naquela conjuntura, nos primeiros séculos medievais.

Dentre os diferentes tipos de obras produzidas pelos religiosos nesta frente de produção documental em específico, como as cartas, os salmos, os sermões, vale mencionar ainda o conjunto comumente conhecido como hagiográfico. Esta compilação compreende uma grande variedade de registros, incluindo as *vitae*, as narrativas que se destinavam a contar a trajetória que teria sido vivenciada por personagens cultuados, que serviam de exemplo a ser seguidos pelos cristãos. (Silva 2014:165)

Nesse sentido, compreendemos a significância destes relatos para além do âmbito estritamente religioso e identificamos a contribuição, inclusive, dos aspec-

1 É importante ressaltar que, ao citarmos a instituição Igreja neste trabalho, referimo-nos não ao significado atual ou à compreensão do presente a respeito da atuação eclesiástica. E sim, à Igreja naquele momento, como uma instituição em formação, organizando-se em um franco processo de sistematização, expansão e crescimento.

tos ali veiculados para o processo de normatização daquela sociedade. Assim, tomamos como referência para nossa análise uma compilação hagiográfica de vidas atribuídas a Gregório de Tours, figura de referência na conjuntura eclesiástica da Gália no século VI, o *Liber Vitae Patrum*, com a proposta de identificar os principais traços que corroboravam o perfil de santidade feminina elencado pelo hagiógrafo.

2. Apresentação do *Liber Vitae Patrum*

As *Vidas de Santos*, em geral, privilegiam detalhes como a capacidade de diferentes feitos milagrosos, o poder sobrenatural emanado pela divindade e emprestado aos protagonistas para seu exercício e prática durante sua vida terrena, como referências que marcam a trajetória dos mediadores entre os homens e Deus, ou seja, daqueles que conseguiram atingir a perfeição, os santos. Esta, certamente, é uma das razões que justificam a significativa popularidade alcançada pelas hagiografias, especialmente junto às populações locais que seriam cristianizadas nos reinos romano-germânicos em princípios do medievo.

Portanto, de maneira comum, identificamos aspectos recorrentes que marcam a estruturação de obras deste tipo. Quanto à *Vita Monegundis*² destacamos algumas características em particular, tais como aqueles ligados à configuração do documento, na medida em que é um relato acerca da vida da reclusa, incluso em uma compilação, a *Vita Patrum*. Não era uma vida escrita exclusivamente para narrar a trajetória da santa. Assim, a VM é um relato conciso, produzido para integrar um corpus documental que se volta para a sistematização da santidade no reino franco de modo geral.

Desta forma, o *Liber Vitae Patrum* é constituído por várias narrativas que têm como objetivo caracterizar a trajetória de figuras veneradas na Gália naquele momento, contando com monges, abades e bispos, além desta única mulher: a monja Monegunda. Por conta desta especificidade, integrando uma coletânea nestes moldes, a disposição dos episódios e o enredo da obra se mostram mais abreviados, assim como detalhes mais específicos a respeito da infância, o pertencimento familiar e trajetória de cada um dos protagonistas, muitas vezes, não aparecem no registro.

O bispo de Tours, considerado o principal autor dos merovíngios (Reimitz 2016: 58-62), descreve nesta obra a trajetória da reclusa que teria ingressado na vida religiosa após o luto pela morte de suas filhas. O hagiógrafo menciona o momento em que ela teria deixado o marido, em um intervalo subsequente em que ela

2 Daqui em diante, quando abreviada, chamada de VM.

retorna para a casa e para a vida conjugal, após o marido pressioná-la, até então alcançar o que tanto esperava: a dedicação exclusiva ao serviço da divindade, aspecto comumente explorado pelos autores nessa tipologia documental.

Reimitz identifica que Gregório foi um ator essencial para o fenômeno de culto aos santos que se desenvolve na Gália nos primeiros séculos da Idade Média, fundamentando-se em Martinho como a principal referência para seus escritos, e vinculando a história do reino franco ao cristianismo. (Reimitz 2016:60-76)³ Ao analisarmos este aspecto levamos em conta a organização de uma preocupação social maior e esforços e interesses que procuravam estabelecer uma visão de mundo específica. Ou seja, competições, sobreposições, interesses e interferências relativas a distintas discussões e esforços nesse sentido procuravam organizar a sociedade daquele período.

Deste modo, os textos hagiográficos atribuídos a Gregório também exploram temas associados a esse exercício de formação da identidade cristão franca, veiculam referências sobre a organização do reino e da dinâmica política, e não se vinculam estritamente aos pormenores religiosos. Nestes documentos ocupados com a santidade, especialmente na conjuntura franca merovíngia, temos igualmente uma significativa possibilidade de análise da preponderância do papel das mulheres, já que grande parte das vidas produzidas neste contexto se volta para o ideal de santidade feminina, como é o caso da trajetória de Monegunda.

Ou seja, por meio dos relatos hagiográficos identificamos as recomendações legítimas a respeito da conduta cristã adequada e esperada, em nosso caso, das santas. A documentação hagiográfica seria, segundo Jamie Kreiner, um dos fundamentos da identidade religiosa na Gália, sobretudo se pensarmos nas formas de compreensão das transformações culturais e sociais. Do mesmo modo, os autores de relatos, representados em grande medida pelos bispos, como no caso de Gregório, optavam por enredos construídos por meio de pistas simbólicas e narrativas, em detrimento de uma escrita mais direta e objetiva, regularmente encontrada em outros documentos, como os de caráter normativo, por exemplo (Kreiner 2014:8).

Georgius Florentius Gregorius, comumente conhecido como Gregório de

3 Tal postura pode ser explicada por conta da política vivenciada pelos merovíngios após a morte de Clóvis, em que o território que compreendia o reino foi dividido entre seus quatro filhos, e nos momentos posteriores, em que anexações, invasões, disputas e assassinatos entre irmãos, tios e sobrinhos, por exemplo, foram constantes. Nesse sentido, identificar um elemento integrador, como a religião cristã, que funcionasse como base e sustento do reino em geral, apesar desta concorrência entre monarcas, foi um recurso útil. De certa maneira é como se o bispo de Tours procurasse se colocar como uma figura de intermediação entre os personagens que conflitavam naquela dinâmica. Em certas passagens há uma clara preocupação com a organização social e política em um momento pós desestruturação do Império Romano. O autor promove uma alternativa nesse sentido: a identidade franca como uma opção contundente para determinada estabilidade.

Tours, viveu aproximadamente entre 539 e 594, e é considerado pela historiografia o principal autor merovíngio, já que deixou uma vasta produção documental. (Wickham 2019:175) Seu pertencimento familiar estava associado a parentes que já desfrutavam de certa tradição na ocupação de posições senatoriais, assim como também dos cargos de condes e bispos. Ele teria iniciado sua carreira eclesiástica em Brioude, na Auvérnia, e, a partir de 563, instalara-se em Tours, até alcançar o episcopado local, depois de dez anos aproximadamente.

Certamente, em um cenário de disputas e conflitos, envolvendo reis, rainhas, bispos e outros personagens da corte, Gregório de Tours busca de forma constante legitimar seu poder, seja por meio da escrita, de uma direta atuação pastoral junto às comunidades locais e por meio da manutenção de templos que estiveram sob sua organização, alguns exemplos de funções tipicamente exercidas pelo episcopado. Assim, é notável o esforço dele em tentar consolidar sua posição utilizando-se inclusive da produção documental como um importante recurso para isso.

Esta é uma iniciativa bastante evidente que reforça nossa perspectiva de afirmação da significância das relações de poder que marcavam aquela conjuntura, e como estas se fazem presentes também em documentos hagiográficos, como as vidas que priorizavam as trajetórias femininas. Desta forma, partimos então para uma análise mais específica dos elementos que ratificavam o perfil de santidade explorado pelo bispo de Tours, a partir das referências presentes na *Vita Monegundis*, tendo como norte esta característica em especial: o vínculo entre a atuação episcopal e a santidade feminina.

3. O perfil de Monegunda de Tours, a Santa da *Vita Patrum*

Parece-nos acertado ressaltar a ideia de que o bispo de Tours optou por uma tentativa de enquadramento do modelo de vida religiosa feminina em uma compilação hagiográfica. É importante recordar que o conjunto formado por vinte narrativas, a *Vita Patrum*,⁴ inclui apenas um relato protagonizado por uma mulher. Neste exemplo, é provável que o bispo tenha optado por incluir a vida da protagonista pela possibilidade de apropriação desta narrativa como instrumento simbólico que garantiria a inclusão de perfis distintos de santidade, incluindo bispos, monges, abades e também uma monja.

Peter Brown levanta uma questão importante em relação à VP em particular, já que nesta compilação, segundo o autor, Gregório procurou reunir as trajetórias de

4 Daqui em diante, quando abreviada, chamado de VP.

figuras veneradas que se destacaram naquela região com o objetivo de sujeitá-los à autoridade eclesiástica. Isto porque a presença de variados núcleos de santidade, mesmo que estes santos lidassem diretamente com a divindade, levando a mensagem dos necessitados, poderiam ameaçar a ordem vigente e reavivar uma discussão antiga, mas ainda potente, entre os profetas e a necessidade de implementação e submissão à hierarquia clerical. (Brown 1999:38-55) ⁵

Assim, a iniciativa de integração de personagens cultuados, geralmente tão carismáticos, foi colocada em prática pela Igreja de forma bastante contundente nesta conjuntura de fortalecimento e expansão, o que pode ter acontecido a partir do caso da própria Monegunda, que aparentemente se tornou uma espécie de líder de sua comunidade. Desta forma, compreendemos melhor uma das possíveis razões para Gregório ter descrito o relato da vida de santa como uma devota integrada ao seio episcopal, respeitando e adorando o patrono, Martinho.

Do mesmo modo, a hagiografada é, portanto, retratada na documentação como um tipo exemplar de mulher: casada, que, mesmo em relação à dedicação à santidade, consegue obter o apoio do marido; mãe, que faz uso de um episódio terrível como o luto pela perda das filhas como uma oportunidade de renascimento espiritual.

O objetivo das narrativas compiladas no *Liber Vitae Patrum*, para Kitchen, ultrapassava apenas a sistematização de milagres sucessivamente contados e atribuídos aos santos. Gregório procurava de fato contar a história dos personagens venerados, alguns que teriam até compartilhado um ambiente comum ao do hagiógrafo. O conteúdo e os feitos reunidos em cada vida são variados, com ênfase nas ações miraculosas atribuídas a cada um deles. (Kitchen 1998: 58)

Na *Vita Monegundis* em particular, temos como protagonista a reclusa de Tours, referenciada como uma personagem santa, que teria ingressado na vida religiosa após a morte de suas duas filhas. A partir de então, Monegunda viveu isolada em uma cela e, certo tempo depois, reuniu algumas religiosas que passam a viver com ela, segundo o discurso hagiográfico. Partindo desta trajetória e da análise da *vita*, encontramos algumas referências significativas em relação ao perfil de santidade propagado. O comportamento virtuoso, o poder miraculoso e a prática ascética são algumas das categorias nas quais esses indícios podem ser encaixados.

Logo no início do relato podemos destacar a menção a Martinho de Tours, principal referência presente nas vidas provenientes da Gália naquele período. Gre-

5 A presença de variados núcleos de reunião de fiéis em torno de figuras veneradas, mesmo que inicialmente pequenos, dispersavam os cristãos e de certa forma competiam com o núcleo central, a diocese, em relação à devoção desses crentes.

gório cita o episódio em que a santa teria partido em direção à basílica do santo em busca de auxílio para superar seu luto. Após o retorno, ela teria optado pela reclusão em uma cela ainda dentro de sua casa. O primeiro aspecto a ser destacado nesse sentido diz respeito ao emprego deste exemplo, do patrono da região, com um objetivo em particular, segundo a nossa análise: fundamentar a decisão de ingresso na vida retirada, bem como o papel de liderança feminina local, a partir da ajuda e do direcionamento fornecidos pelo bispo de Tours.

Ou melhor, trata-se de uma figura de legitimidade na qual o perfil de santa foi embasado. Além disso, são mencionados também elementos como a dedicação ao trabalho manual, a perseverança em oração e a prática rigorosa do jejum, isto é, características do exercício ascético. Este último sendo ressaltado no que se refere à alimentação dela e de suas companheiras, baseada essencialmente no consumo de pão, com abstenção de vinho. Esta referência é explorada pelo hagiógrafo nesta vida, assim como é identificada como um elemento bastante recorrente em outros escritos desta mesma tipologia.

Destacamos que estas menções ligadas aos *topoi* comumente compartilhados pelas hagiografias não devem ser subestimadas. Trata-se de marcadores que ratificam a santidade atribuída a estes personagens pelos autores. Nossa preocupação está ligada a este debate ao considerar a utilização desta produção como uma estratégia episcopal em um processo maior de consolidação da cristianização.

Por exemplo, notamos uma referência bastante evidente na documentação acerca do papel de liderança exercido pela santa nesta pequena comunidade de religiosas da qual ela teria participado e, certamente, fundado. Defendemos, portanto, em consonância, que tal proposição está associada a uma tentativa de legitimação do perfil modelar proposto na hagiografia, como algo a ser seguido, a partir da chancela da hierarquia eclesiástica.

Os dois últimos grupos temáticos que merecem destaque no âmbito da análise documental aqui são: as questões ligadas aos milagres e as menções aos vínculos sociais. Em várias passagens na documentação identificamos referências acerca das ações miraculosas nesta *vita*, essencialmente distribuídas em dois conjuntos: as de cura e as de expulsão de demônios, e em menor quantidade notamos indícios envolvendo ligações com outros personagens nomeados em particular.

Na hagiografia da reclusa de Tours, como Monegunda é denominada pelo hagiógrafo, Gregório pontua que os santos são exemplos de conduta, a partir dos quais os cristãos conseguiriam levar adiante os preceitos celestiais. Desta forma, o autor destaca que os homens não são os únicos modelos para os fiéis no meio cristão. Mas também do “sexo menor” (*inferiorem sexum*), que seria a maneira pejora-

tiva como o sexo feminino era conhecido ao longo do medievo, ressaltando a força viril com que estas mulheres santas procuravam vencer sua natureza para dedicar suas vidas a Deus:

[...] Ele exorta-nos a viver segundo o exemplo dos santos e a fortalecer-nos por Seus preceitos incessantes. Ele dá-nos como modelos não só os homens, mas também do sexo inferior, que lutam não debilmente, mas com força viril; Ele traz para seu reino celestial, não apenas homens, que lutam como devem, mas também mulheres, que se esforçam na luta com sucesso. Isso podemos ver agora na bem-aventurada Monegunda, que deixou sua terra natal (...) e veio à igreja de São Martinho [...].

Assim, o bispo de Tours deixa claro esta questão de diferenciação em relação ao sexo masculino e o feminino, e como ambos eram interpretados naquele período. O primeiro como a via de completude e o segundo como limitado. Além disso, ele cita o fato de que a santa teria deixado sua terra originária, a região de Chartres, em visita à basílica de Martinho, com o objetivo de admirar os milagres que cercavam a localidade.

Somado ao que já foi debatido acerca dos atributos, o autor pontua a questão do matrimônio da protagonista como a realização do desejo de seus pais, certamente procurando reforçar o *topos* da submissão e da castidade, tipicamente atribuídos às mulheres santas: *A muito abençoada Monegunda era da região de Chartres. Ela havia se casado por vontade dos pais e tinha duas filhas (...).*⁶

O episódio na VM que menciona o fato da hagiografada ser casada é vinculado a uma vontade de terceiros, como anseio de seus familiares e não da própria santa. Estas demarcações estão relacionadas, muito provavelmente, a um objetivo claro por parte do bispo-autor, que seria desvincular a imagem da protagonista a algo que as desvirtuasse do objetivo principal, a fé. Desta maneira, tornava-se ainda mais fácil, inclusive, justificar em seguida a dissolução do matrimônio, na medida em que a santa teria deixado seu marido para se dedicar à sua vocação.

Depois observamos a referência clara à motivação que teria feito a mulher se converter a uma vida santa, o luto pela morte de suas filhas, o que teria lhe causado sofrimento e lamentações. Postura que é contida por medo de ofender a divindade, que teria de alguma forma permitido a morte das meninas, segundo o hagiógrafo: *[...] partir desse momento, a mãe ficou desolada; lamentando e lamentando a morte de suas filhas, ela não parava de chorar, dia e noite [...].*⁷

6 Cf. VP, XIX: I.

7 Cf. VP, XIX: I.

A partir de então, o autor inicia a construção da argumentação a respeito da superação pela protagonista, pela percepção de que não cabia a seu marido, nem aos seus amigos, e nem mesmo seus parentes poderiam consolá-la. Este suporte só poderia ser fornecido pela divindade, a partir do trabalho da caridade, mais uma virtude destacada por Gregório, como essencial no modelo exaltado.

Segundo o relato, após doar suas roupas de luto, a santa iniciou a vida em reclusão dentro de um pequeno cômodo, com pouca luz, afastando-se do mundo e realizando intensas práticas ascéticas. Assim, não vivia mais maritalmente com seu marido, tendo apenas a companhia de uma serva, que lhe auxiliava cozinhando para ela, alternando momentos de oração e jejum.

Estas são outras características enumeradas como presentes na prática religiosa dela, segundo o hagiógrafo. O autor continua neste mesmo capítulo e descreve na sequência o espaço de reclusão que Monegunda teria compartilhado com outras religiosas, como um local de reunião:

[...] Ela reuniu um pequeno número de freiras naquele lugar e ali ficou, perseverando na fé e na oração, comendo apenas pão de cevada e não bebendo vinho, exceto um pouco em dias de festa, e depois apenas diluído com muita água. Ela não tinha um leito macio de feno ou palha fresca, mas apenas um de galhos entrelaçados [...]. Ela ensinou aquelas que ela trouxe para morar com ela a fazer essas esteiras. E morando ali louvando a Deus, ela deu a muitos enfermos, depois de orar, curas.⁸

Neste episódio, o bispo de Tours destaca a perseverança e a fé como atributos essenciais da santidade da hagiografada, além de um comportamento virtuoso exemplificado por meio de práticas como a oração e o jejum, a partir da restrição de alimentos e bebidas como o vinho, tomado apenas em raras ocasiões. Por fim, a mortificação corporal, explícita em situações cotidianas de pouco ou nenhum conforto, como a ausência de uma cama. Todos estes elementos contribuem para a aproximação dela com Deus e conseqüentemente reafirmam o poder miraculoso que ela demonstra.

Cabe ressaltar ainda que o hagiógrafo expõe que por intermédio de Martinho o anseio pela vida religiosa teria se feito presente na trajetória de Monegunda. Ele teria sido o responsável por lhe auxiliar em tal empreitada nos momentos de dificuldade. A *vita* traz recorrentemente a alusão a este personagem como patrono, já que ele era a principal figura de referência no que tange à santidade, ao poder e à legitimidade no âmbito da Igreja naquele contexto.

8 Cf. VP, XIX:2.

4. Considerações finais

Nas últimas décadas, observamos um aumento crescente em relação aos trabalhos no campo da História que de alguma forma priorizassem a documentação hagiográfica. Isto porque, durante bastante tempo, este tipo de documento foi visto como uma produção restrita às referências associadas ao âmbito religiosa, certamente, em razão da perspectiva edificante e o discurso moralizante veiculado nas vidas. Da mesma forma, notamos um crescimento considerável de estudos que priorizam as temáticas relacionadas aos estudos de gênero, à História das Mulheres e ao protagonismo feminismo como sujeito dos processos históricos em épocas distintas.

Este artigo, de certo modo, correlaciona estas duas possibilidades mais recentes de investigação. Isto porque, por um lado, nosso aparato documental privilegiado aqui foi uma *vita*, escrita por um bispo preponderante do período merovíngio. No entanto, sendo utilizada com a noção de que este conjunto de relatos, chamado comumente de hagiográfico, não está restrito exclusivamente a investigações teológicas, na medida em que aspectos das relações de poder, por exemplo, presentes no momento de produção da narrativa são veiculados ali. Assim, a utilização de hagiografias de forma crítica, contrapondo as referências com o que tem sido embasado pela historiografia foi a perspectiva que buscamos defender neste trabalho.

Da mesma forma, em relação ao foco temático, a ênfase de nossa análise estava no diálogo entre dois pontos-chaves: a atuação episcopal e a santidade feminina. Assim, procuramos compreender de que forma a delimitação do perfil de santa presente na *Vita Patrum*, dentre outros possíveis, se imbricava a preocupações maiores da instituição eclesíastica, como a iniciativa de cristianização.

Em suma, podemos dizer que a VM, é um documento mais conciso, integrante de uma compilação, sendo a única vida feminina presente no conjunto. A obra é marcada por poucas informações pessoais sobre a hagiografada, assim como sobre toda a sua trajetória pregressa antes da reclusão. Gregório de Tours utiliza uma série de elementos que fundamentam a santidade atribuída a Monegunda de Tours em sua obra, como atributos, as virtudes, os milagres e os vínculos sociais, mas todos estes elementos são abordados de maneira mais geral e com poucas particularidades sendo apontadas.

Sobre esses aspectos, vale destacar a maternidade, a relação de correspondência com Martinho de Tours que é construída pelo hagiógrafo, a reclusão ascética e o poder miraculoso especialmente por meio das ações de cura. Do mesmo modo, a indicação de peregrinação à basílica do santo, como episódio que iniciou sua vida religiosa, valorizando o patrono da região, ratifica a presença de uma relação hierárquica, que, ao ser respeitada, legitimava o culto à protagonista.

Referências bibliográficas

- GREGORY OF TOURS (1985), *Life of the Fathers*, en JAMES, Edward (Org.), *Translated Texts for Historians*, v. 1, Liverpool, Liverpool University Press.
- BROWN, Peter (1999), *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa, Presença.
- COON, Lynda (1997), *Sacred fictions. Holy Women and Hagiography in Late Antiquity*, Philadelphia Pennsylvania, University of Pennsylvania Press.
- FREITAS, Edmar C. (2014), *Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*, Niterói, EDUFF.
- LE GOFF, Jacques (2003), *Homens e Mulheres na Idade Média*, São Paulo, Estação Liberdade.
- KITCHEN, John (1998), *Saint's Lives and the Retic of Gender: Male and Female in Merovingian Hagiography*, New York, Oxford University Press.
- KREINER, Jamie (2014), *The Social Life of Hagiography in the Merovingian Kingdom*, Cambridge, Cambridge University Press.
- REIMITZ, Helmut (2016), "After Rome before Francia: religion, ethnicity and identity politics in Gregory of Tours' *Decem libri historiarum*", en COOPER, Kate. & LEYSER, Conrad. (Eds.), *Making Early Medieval Societies: Conflict and Belonging in the Latin West, 300–1200*, Cambridge, Cambridge University Press, 58-76.
- SILVA, Leila. R. da (2014), "Monacato e literatura hagiográfica: *Vita Sancti Frutuosi* e *Vita Sancti Amandi* em perspectiva comparada", TEIXEIRA, Igor Salomão (ed.), *História e Hagiografia sobre a Hagiografia Medieval*, São Leopoldo, Oikos, 164-177.
- WICKHAM, Chris (2019), "A Gália merovíngia e a Germânia (500-751)," en *O legado de Roma. Iluminando a Idade das Trevas (400-1000)*, Campinas, Editora da Unicamp, 175-198.